

Sumário



46 REDUÇÃO DE DANOS NAS RELAÇÕES DE CONSUMO

José Onofre de Araújo Neto

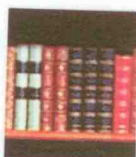
Desvios no padrão de compras associados a efeitos socioambientais negativos apontam para a necessidade da compreensão do consumo para além do uso dos produtos



52 O MITO DO CONSUMO COMO ATO INDIVIDUAL

Luciane Lucas dos Santos

Nas entrelinhas da conexão entre consumo e afeto, consolidam-se as estruturas objetivas e subjetivas do tecido social



60 O SHOPPING NA ESTANTE

Gustavo Dainezi

Obras abordam padrões de manipulação na grande imprensa e o consenso forjado pela mídia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Afetos & consumo / [coordenadora Ana Claudia Ferrari ; organizador Clóvis de Barros Filho]. -- São Paulo : Duetto Editorial, 2011. -- (Coleção ética : pensar a vida e viver o pensamento)

Vários colaboradores.
ISBN 978-85-7902-157-2

1. Ética I. Ferrari, Ana Claudia. II. Barros Filho, Clóvis de. III. Série.

11-09456 CDD-170

Índices para catálogo sistemático:
1. Ética : Filosofia 170

CONSUMO REQUER EDUCAÇÃO DOS AFETOS



Capa: acrílica sobre tela de Herbert Baglione, 2010

A riqueza é algo importante, seja do ponto de vista dos afetos ou do consumo – e a edição que apresentamos aqui é rica nos dois temas. Rica em olhares, em reflexões, em críticas e em especialistas. Para que o seu olhar seja ele também rico.

São oito textos, dispostos de maneira a demonstrar a pluralidade de olhares nestes que são temas obscuros no nosso dia a dia. Obscuros porque sempre presentes. E que, pela presença constante, passam despercebidos. Tornam-se naturalizados.

A naturalização é a transformação de algo que tem origem social e interessada em algo que é inato, portanto universal e desinteressado, alheio às paixões e disputas que caracterizam a vida em sociedade.

Assim, tenta-se chamar o homem de animal consumista por natureza, e busca-se chamar este ou aquele afeto de mais natural, escondendo-se por trás de cada naturalização uma longa cadeia de luta social e ideológica. Uma luta por poder e dominação.

Pois ideologia é isto, a luta social para estabelecer o certo e o justo, o universal e o verdadeiro, como se fossem naturais e óbvios, e não fruto de relações de poder e dominação.

Vivemos na sociedade de consumo. Na qual todas as relações, sem exceção, são

mediadas por relações de consumo. Nada mais naturalizado. Nada mais interessado.

O consumo e os afetos são como carne e unha, pois é na exploração dos afetos que o consumo sobrevive.

Mas tampouco somos preparados para perceber nossos afetos. Tampouco nos damos conta de nossas alegrias e tristezas. Cada vez mais, somos dessensibilizados para sentir somente alegrias autorizadas, tristezas protocolares. E as pequenas e genuínas alegrias ficam relegadas a um segundo plano, sempre preteridas, substituídas por visitas aos shoppings e por muletas consumistas.

Por isso, veremos aqui em detalhes esses dois elementos centrais em nossa sociedade. A partir do filósofo, do psicanalista, dos especialistas em consumo – tanto da academia quanto do mercado –, do jornalista, do psicólogo e do cientista social. Olhares diversos sobre um problema múltiplo e universal. Mas sobre o qual pouco ou nada pensamos.

Esta é a função do verdadeiro crítico intelectual. Despertar em nós reflexões que, sem o apoio dos textos, não faríamos. Trazer olhares que, por falta de familiaridade, não teríamos. Aproveite e reflita. Sua vida de consumo nunca mais será a mesma.

REDUÇÃO DE DANOS NAS

relações de consumo

Desvios no padrão de compras associados a efeitos socioambientais negativos apontam para a necessidade da compreensão do consumo para além do uso dos produtos

por José Dnófre de Araújo Neto

A observação crítica da relação entre indivíduos e consumo e da dinâmica das transformações na forma como se associam – para além de benefícios funcionais naturalmente aportados por objetos técnicos consumidos, tais como praticidade, produtividade, rapidez, conforto, economia etc. – sugere outras gratificações, de ordem social, igualmente encorajadoras do consumo. As práticas de consumo revelam, em certa medida, formas de expressão das pessoas, hábitos que traduzem, discriminam e identificam. Fenômeno interessante, que integra a identidade do sujeito, espécie de arquitetura identitária concebida na forma pela qual o consumo se dá.

Observemos que, explicitamente ou não, estamos sempre a nos apresentar. Por ocasião de qualquer encontro em que a alguém nos apresentemos, informar quem somos é premissa. De outra forma não seria possível, pois o que de nós enunciamos oferece, ao outro, importantes condições de identificação para o estabelecimento das relações sociais. Apresentação que de tão necessária em hábito se converteu. Temática moderna, a identidade pessoal revela-se algo sutil em sua percepção, seja na dificuldade em reconhecer o significado do conceito de pessoa, seja na capacidade de apontar requisitos ou critérios de identidade de uma pessoa dinamicamente, isto é, ao longo do tempo.

A apresentação de si obedece a certa etiqueta, muito bem definida e compartilhada no hábito, em que transgressões são pouco admitidas. A sequência a que nos submetemos chega a ser metódica. De maneira crescente e rigorosa revelamos nossas idiossincrasias, ritual construído ao longo do processo civilizatório, por vezes apresentado dissimulado em falsa espontaneidade. Perguntas despreziosas oferecem ao interlocutor a oportunidade de comunicar costumes ou preferências.

A evolução da interação requer processo de identificação entre as partes, possibilidade de redução das incertezas, redução das contingências. A trajetória determina afetos que apontam para a autorização, ou não, da evolução interativa, do acolhimento. Dessa forma, indivíduos atuam na construção mútua do processo de identificação, prática que se incorpora à cultura e se desenvolve de maneira autônoma.

A INTERAÇÃO LEVA A ENTENDER O OUTRO E A SER ENTENDIDO, IDENTIFICAR E SER IDENTIFICADO; ESSES SÃO REQUISITOS PARA A INCLUSÃO

A interação leva a entender o outro e ser entendido, identificar e ser identificado, requisitos para inclusão. O discurso individual em sua continuidade e coerência estabelece a relação entre identidade e linguagem. Manifesta características específicas, duráveis pontos de contato nas relações com quem nos cerca.

A narração original, indispensável a nós e aos outros, nos ordena e representa com fidelidade a imaginação que temos de nossa definição, construída na interpretação da própria trajetória, singularidade pretensamente estável, algo compreensível. Garantia da existência na reprodução contínua de declarações que relacionam hábitos, gostos, desgostos, especialidades ou afinidades, dentre outras formas. Identidade baseada na memória que transcende as dimensões do tempo e do espaço.

Prescindir da crença na permanência da identidade significaria truncar relações sociais, bloquear referências necessárias, determinantes na construção de expectativas em relação ao outro. Estabelecer a ponte entre identidade e permanência significa, portanto, oferecer condições a tais relações. Diferentemente disso, a fugacidade absoluta nos orientaria à total incerteza, medo que sobremaneira rejeitamos. O efeito da redução imaginária das incertezas nas relações sociais tranquiliza ao mirar no usual, caracterizar a existência e atender à necessária captura de referências acerca do outro.

Ao existirmos, no entanto, somos atravessados por transformações, nelas nos inserimos e delas fazemos parte. Perante um mundo em constante mudança, intriga a habitual tentativa discursiva original e permanente sobre si. Repetidas exposições a apresentar características supostamente capazes de nos definir, descrever traços distintivos que nos expressem, nos posicionem socialmente.

Permanência reguladora do sentido, que, no uso da memória como alimento da linguagem na identificação do indivíduo, tende a desprezar a importância dos afetos provocados pelo mundo presente, repleto de objetos desejáveis, conexões tangíveis com o real, registros que no tempo determinam potência de agir a nos representar. Potências que oscilam impermanentemente, que não se comunicam nem se permitem comunicar. Inexorável solidão nas sensações exclusivas e inalienáveis, inconvertíveis em discursos, por mais brilhantes que se façam, reducionistas na incapacidade de representar sem defasagem afetos gerados por um mundo que não será mais aquele, sobre um indivíduo que, analogamente, não será mais o mesmo.

Angústia ontológica, dialética da identidade que por um lado se funda na instabilidade, quando nada se repete, onde nenhum é o mesmo que o outro. Por outro, na crença da consciência presente como constructo de estados passados, memória ingrediente efetivo de identidade pessoal. Analogamente, unidade obje-



tiva do campo da cultura por um lado, singularidade não reprodutível da vida vivida, por outro, dois mundos distintos, que se desdobram, um diante do outro. Mundo da cultura e mundo da vida. O primeiro, do tempo, dos códigos de comportamento, das crenças, das instituições, do grupo. O segundo, único, onde nos descobrimos, contemplamos, vivemos e morremos.

A despeito da impenetrabilidade, são mundos que se afetam. Na ignorância mútua a respeito dos conteúdos particulares ao outro, nossa sociedade opta por cristalizar relevância nas propriedades – posses e discursos – distinção precedente a qualquer interesse sobre caráter moral, formação, inteligência, enfim, ao que poderíamos chamar de personalidade, no mais vasto sentido do termo. Condição que nos alerta sobre os riscos da insensibilidade subjetiva no trato superficial com o presente, valioso, que, pela gratuidade de nossa origem ou indeterminação de nosso destino, é o que nos resta. Autônomo e fugaz, escapa e denuncia a relação entre ser e devir.

Em síntese, ao considerarmos a reprodução das singulares interpretações do indivíduo em seus encontros com o mundo, no tempo, somos capazes de observar a construção de sua identidade como processo, cujo movimento se alimenta das relações entre sujeito e sociedade na conjugação de afetos flagrados e discursos proferidos, singular e progressivamente, ou seja, identidade através das relações sociais. Cultura do personagem nas reações dinâmicas aos afetos e suas contingências. Interpretação possível ao indivíduo sociável, que – na produção e exposição de conteúdos sobre si – luta para estabelecer relevância

necessária ao seu reconhecimento pela sociedade, onde distinção e legitimidade são termos chave, resultados possíveis, embora incertos.

A análise da construção identitária, tendo em perspectiva a dialética aqui escolhida, representa uma abordagem, dentre outras possíveis, mas em nosso caso busca especificamente uma melhor compreensão das relações de consumo e seus efeitos sobre o meio que nos integra.

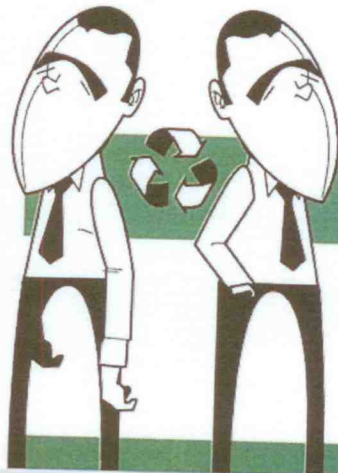
Observamos a opinião de outrem a respeito de alguém como forma de construção da imagem. Representação importante para a distinção social quando associada a atributos como honra, posição ou fama [glória]. Objetivos desejáveis, que determinam nossos atos de vontade e materializam-se na posse de objetos técnicos, contribuindo para sua proliferação física e, virtualmente, em múltiplas formas e funcionalidades. Concebidos com eloquência científica e design sedutor, projetam na superfície de seus usuários valores desejáveis, a exemplo de estilo ou atitude, credenciando-os ao exercício do prazer inclusivo na sociedade dos signos, na economia das paixões.

Ao aprofundarmos a reflexão sobre a complementaridade entre memória e

ineditismo nos encontros, à luz da livre experiência, observamos no presente oportunidade cultivável de encantamento. Significa reconhecer nessa construção a importância que o outro indica. Passo adiante, no desejo de recorrência em bons encontros, qualitativamente desenvolver relações em benefício de sua perenidade.

Remanesce a convicção do natural trato egoísta do mundo no interesse por explorar o outro na validação da própria condição, mas evolui no reconhecimento dos desdobramentos do exercício da liberdade em suas práticas, nosso foco, de consumo. Sustentabilidade para quem de seus efeitos sobre as próximas gerações, para muitos como algo distante, mas como princípio básico presente nas relações cotidianamente construídas, estar ciente do próprio comportamento. Significa tomar consciência de que contribuir para a existência saudável e consciente do outro amplia as condições para qualificação das relações a cada momento, a cada encontro possível.

Movimentos recentes da representação política em esferas executiva e legislativa foram feitos no sentido da regulamentação da questão dos resíduos sólidos, indicador positivo e necessário, embora marginal à importância do tema. O espectro das consequências de um modelo social que privilegia determinadas perspectivas determina o ser como hierarquia de consumo e sugere prudência. Sua dinâmica tem determinado que a utilidade dos objetos técnicos não tanto mais se esgote na razão de sua depleção ou disfuncionalidade, mas na ausência de atributos que lhe confirmam contemporaneidade.



Consoante à trajetória aqui percorrida, que nos alerta para a objetivação dos sujeitos e sua inexorável transitoriedade, a obsolescência dos objetos significa objetos que deixamos de ser, daí com tais resíduos como lidar? Aos resíduos do ser, memória sobre a qual aqui falamos, cumpre-nos seu uso, ou não, nos discursos que nos apresentam, em acordo com a conveniência que nos couber. Fino trato das relações dinamicamente por conduzir. Aos resíduos materiais daquilo que livremente optamos por consumir, por liberalidade de nossas razões ou de nossas expressões, como lidar? Fato que cumpre responder, a responsabilidade por seus efeitos.

A evoluir na redução dos danos que nos impomos na experiência do modelo em curso, a síntese da reflexão pode nos recomendar, como parte, a apropriação dos discursos que diagnostiquem redução da desigualdade social, elevação dos níveis de educação e maior qualificação política da representação popular e seu controle como meios naturais ao refinamento dos costumes e à cortesia, caminhos para uma convivência agradável e mais feliz entre os indivíduos na sociedade. Como complemento nos insta a ação sobre as coisas, o positivo na criação do novo que o tempo traz em seu fluxo de formação da realidade.

Na materialização dessa reflexão, concebida em 2010, no uso da internet como eficaz articuladora dos agentes que a utilizam, desenvolvemos um empreendimento capaz de contribuir nesse contexto, seja na qualificação dos discursos emancipadores na tomada de consciência dos indivíduos acerca dos efeitos de suas práticas de consumo sobre o

meio que nos integra, seja no auxílio a sua efetiva ação no devido trato dos resíduos materiais que criam ao longo de seus encontros com o mundo.

Trata-se do www.ecycle.com.br, uma iniciativa cujo conteúdo informativo tem por objetivo oferecer à audiência condições de qualificar sua experiência de consumo ao reconhecer em suas possibilidades características específicas que possam revelar-se úteis à tomada de consciência no apoio à decisão de compra de determinados tipos de objetos técnicos e em sua conduta cotidiana, pautada na constante produção de resíduos sólidos.

Nesse sentido, além de enriquecer os discursos através desse gênero de conteúdo, educativo, o portal confere ao usuário opções que o habilitam a reconhecer as melhores maneiras de lidar com esses resíduos, apontando riscos associados ao inadequado tratamento, como segmentá-los e como adequadamente descartá-los, por ocasião de sua não mais utilidade de uso.

São indicados milhares de postos espalhados por todo o território nacional, onde as diferentes categorias de objetos podem ser destinadas de maneira que possam resgatar sua utilidade através de seu possível reúso ou no adequado tratamento para que a decomposição desses materiais respeite processo que possa resgatar suas propriedades enquanto matérias-primas capazes de retornar ao processo produtivo, promovendo economia no consumo associado à extração dos insumos necessários à produção dos novos objetos técnicos demandados pelos consumidores.

Uma contribuição real para a redução dos impactos ambientais gerados



pelo consumo em suas variadas formas, em perspectiva questões como o aquecimento global, consumo de energia, efeitos sobre a biodiversidade e contaminações. A iniciativa ambiciona posicionar a relação entre economia e moral por intermédio da consciência dos indivíduos.

Nesse sentido, busca formas de apoio à ampliação dessa consciência na exposição de referências capazes de contribuir para uma reflexão moral associada ao consumo que possa se apresentar através de um comércio justo, para as partes. Estimular iniciativas individuais orientadas a minimizar e eliminar substâncias sabidamente nocivas à saúde dos sistemas biológicos e ecológicos é contribuição desejável a relações mais equilibradas e harmoniosas consigo mesmo, com o outro e com o meio ambiente do qual fazemos parte.

Reconhecemos no exame das relações de consumo que envolvem nossa sociedade a essencialidade da natureza primitiva que exploram nos indivíduos. A despeito do sofisticado progresso de nossa civilização e dos benefícios indiscutíveis que dele derivam, é na vontade que encontramos o princípio dessa construção. Não há nada que não seja ato de vontade, convicção de ação egoísta que nos define como desejo, sem o qual não fazemos sentido. Vontade não somente como vontade de vida, mas de mais vida, vontade de poder, ânsia de domínio. Algo orgânico, fundamento pes-

